

O IDOSO VÁLIDO COMO UMA DESCOBERTA DA NOSSA ÉPOCA

Gilberto Freyre
Sociólogo-antropólogo
IJNPS

Será o velho uma descoberta da nossa época? Há quem pense que sim. Pelo menos sob o aspecto de uma quase sistemática valorização: que o digam a ginecologia e a geriatria.

Há até quem sinta em certas tendências atuais uma inclinação para idealizar a velhice e, junto com a velhice, o velho, capaz de juntar criatividade e experiência como nos casos supremos dos Churchill, dos De Gaulle, dos Picasso, dos Chaplin, dos Frank Lloyd Wright, dos Menedez Pidal, dos Slokoviski, dos Stravinski, das Martha Graham, dos Bertrand Russel, dos Maritain, dos Casals. A valorização do idoso não como um antijovem porém como um mais-que-jovem sob vários aspectos.

A verdade é que a dias de lideranças medíocres no Ocidente seguiu-se um período de lideranças excepcionalmente capazes encarnadas em indivíduos de idade proecta: um Churchill, um De Gaulle, um Adenauer. O que de repente valorizou a velhice e resultou numa glorificação de velhos ilustres. Glorificação que abalou o preconceito, por algum tempo dominante, contra a permanência de idosos em posições de liderança, quer política, quer intelectual. Pois foram líderes já velhos, quase do tipo chamado por certos juvenis de "Matu", que concorreram decisivamente para salvar o mundo de excessos de "place aux jeunes": uma das místicas do Nazismo. Mística acompanhada do mito afinal fracassado, de depender o futuro humano de um messiânico poder jovem, além de ariano e apenas masculino, que excluiu os demais valores.

Recorde-se terem os adeptos mais entusiásticos dessa mística, por algum tempo frenética, investido na Alemanha contra a figura ilustre do Marechal Von Hindenburgo como símbolo de velhice decadente. Que aos Von Hindenburgo precisava a Alemanha de opor jovens Líderes capazes de reerguê-la, como potência. E não havendo Líder literalmente jovem que se tornasse o desejado anti-von Hindenburgo, recorreu-se ao, como jovem, já *faisandês* Adolf Hitler, cuja retórica tanto se requintou em denunciar velhos, como incapazes, como judeus, como velhacos; e também como mestiços — especificamente os brasileiros — para ele “corrutos”. O Brasil seria, segundo esse campeão da ascensão do chamado poder jovem no seu país, um desprezível país dos que chamou de “mestiços corrutos”, na época de sua denúncia, governado mais por quase idosos e por idosos do que por jovens juvenis, embora juvenis e jovens como então Plínio Salgado, Gustavo Barroso e o Padre Hélder Câmara clamassem, este com uma brilhante eloquência imitada da do Dr. Goebels, por um indiscriminadamente imediato “place aux jeunes”. No que seriam contrariados pelo bom senso do então quase velho — não tardaria a ser chamado “O Velho” — Getúlio Vargas.

Aos Líderes políticos, como os já recordados, dentre idosos que se destacaram, a partir da década 40, como confirmação do valor do poder *sênior* contra a indiscriminada mística de que o futuro humano estaria dependendo da predominância em lideranças de toda a espécie de elemento júnior, juntaram-se Líderes em atividades extrapolíticas. Toda uma sucessão como que apostólica de papas de idade avançada — inclusive João XXIII — continuaria a tradição de Leão XIII, de poder a Igreja confiar, para a sua direção em dias críticos, na sabedoria e não apenas no saber dos velhos. Grandes as expressões, desde aquela década, de criatividade, de genialidade, de lucidez, de homens do tipo *sênior*, alguns tendo ultrapassado, assim criadores, renovadores, dinamizadores de artes, de ciências, de saberes, de filosofia, os oitenta anos: ultrapassados pelo filósofo, até os noventa anos, atuante, Bertrand Russell; pelo compositor Stravinski, pelo historiador Toynbee, pelo teólogo Maritain, pelo sociólogo von Wiese, pelo também filósofo Heidegger, pelo jurista-filósofo Oliver Wendel Holmes, por Charles Chaplin — talvez o mais genial cômico de todos os tempos — por Martha Graham, renovadora da dança, e, no Brasil pelo escritor, além de político, José Américo de Almeida, Também por Mao Tsé Tung, pelo Marechal Tito, pelos militares Cândido Rondon e Eurico Gaspar Dutra — por algum tempo Presidente da República Brasileira — pelo mestre da Ciência Econômica, Eugénio Gudín, pelo jurista-sociólogo Pontes de Miranda, pelo também escritor Alceu Amoroso Lima, pelo diplomata, além de jurista, Raul Fernandes, pelos médicos Clementino Fraga e Silva Mello, pelo Cardeal da Silva, pelo jurista Levy Carneiro, pelo poeta Cassiano Ricardo, por Menotti, outro escritor, por Andrade Muricy,

ainda outro escritor, pelos ainda atuantes Pacheco e Silva, como mestre de Psiquiatria e Froes da Fonseca, como mestre de Antropologia.

Todos, na nossa época, grandes valorizadores da velhice, não como simples vitória biológica sobre o tempo, mas como expressão de criatividade vibrátil — tão notável em Pablo Picasso, em Charles Chaplin e em Bertrand Russel e George Bernard Shaw — de capacidade de liderança ativa, de triunfo sobre o preconceito, que se vinha formando, de que passados os sessenta e cinco anos, estariam esgotadas todas essas capacidades e extintas todas essas energias criadoras devendo os indivíduos que ultrapassassem essa idade barreira contentar-se em escrever memórias ou plantar roseiras, aconselhando-se aos até então incrédulos que se convertessem à acolhedora Igreja Católica Romana ou se aproximassem do consolador Espiritismo.

Com essa valorização, de projectos em consequência de suas próprias demonstrações da capacidade do *sênior* para ser líder ou para revelar-se criador, coincidiram, nos últimos decênios, um sensacional aumento de média de vida e um também sensível aumento de tempo livre. Tempo próprio à criatividade. A qual, em vários indivíduos, tem se afirmado, ou continuado a afirmar-se, depois dos sessenta e cinco anos. Agora, talvez, mais do que nunca.

Lembre-mos do seguinte com relação ao Brasil: que depois dos sessenta e cinco e até já aos setenta, Ruy Barbosa foi o mesmo Ruy vulcanicamente insurreto da mocidade; que Deodoro da Fonseca tornou-se revolucionário na velhice; que o mesmo sucedera já a Diogo Antonio Feijó; que, na velhice, tornou-se insurreto o a vida toda homem caracterizado pelo "grave senso da ordem", dos mineiros, Artur Bernardes; que já quase velho é que Graça Aranha foi um dos "modernistas" mais vibrantes na renovação que em 1922 se operou nas letras e nas artes brasileiras; que o mesmo sucedeu a Paulo Prado, depois de ter sucedido a Antonio Prado. Que velho foi tão atual no seu saber que quando moço o sábio sempre lúcido João Ribeiro. O que registro sem entrar no mérito das atitudes revolucionárias assumidas na velhice por tais indivíduos, vários deles, quando moços, dos chamados conservadores: apenas para destacar correlações mais freqüentes do que de ordinário se supõe, entre atitudes assim revolucionárias e idades, tempos, períodos na vida dos indivíduos, tidos por períodos invariavelmente caracterizados por atitudes inerentes ou conformistamente conservadoras. Por incapacidades como que biológicas para a ação arriscada ou para o esforço acompanhado de perigo ou para a iniciativa por vezes vizinha do rompante heróico: negação, portanto, do gosto exagerado pelo conforto, além de físico, mental, que se atribui aos indivíduos de idade avançada, aos quais tanto se liga o gosto pela rede ou pela

cadeira de balanço ou a volúpia da saudade ou a do recordar amores ou fa-
çanhas de outros tempos, ou o pendor, que neles seria não só condicionado,
como até determinado, pela idade, para a rotina; ou pela inclinação, a que
nenhum deles se esquivaria, para o apego excessivo ao estabelecido, ao acei-
to, ao consagrado.

Há generalizações que valem, decerto, como generalizações; mas que, vis-
tas de perto, precisam de ser atenuadas pelo número considerável de nega-
ções à sua generalidade. Não há correlação absoluta entre a idade e o compor-
tamento conservador como não há correlação absoluta entre o sexo feminino
e o comportamento gracioso ou entre a raça negra e o comportamento servil.
São todos comportamentos menos biologicamente determinados que sociolo-
gicamente condicionados por aquelas convenções desenvolvidas por tipos de
civilização em que as relações entre as idades como entre os sexos ou como
entre as raças, fixaram-se muito mais ao sabor de balanças de poder sociolo-
gicamente estabelecidas que biologicamente determinadas.

Note-se mais o seguinte — e aqui repito o que vem já sugerido no livro de
minha autoria *Além do Apenas Moderno*: que, de modo geral, numa típica
população de moderno país dos chamados desenvolvidos, as alterações, nas
relações, em números, entre grupos de idade, vêm sendo tais, que no período
de um século estatisticamente de todo analisável sob este aspecto — 1850 —
1950 — apresentam-se surpreendentes e até espantosas, deixando de corres-
ponder às previsões dos estatísticos mais ousados de há meio século. É assim
que a presença, numa população assim típica, do grupo de idade constituído
pelos indivíduos de idade superior a 65, saltou, de 1850 a 1950, de 2,5 por
cento em 1850 para 8 por cento em 1950. É o que já indicavam Louis Du-
blin e seus colaboradores, no seu *Length of Life* (N.Y. 1949). Previsão con-
firmada por estudos posteriores.

O fato vem registrado pelos Professores Robert Havighurst e Bernice L.
Neugarten no estudo *Society and Education*, em que examinam novas ex-
pressões de mobilidade na estrutura social de uma sociedade moderna do ti-
po da dos Estados Unidos, embora não se fixem bastante no estudo de aspec-
to novíssimo de mobilidade dessa espécie: o constituído pela formação de
um também novíssimo tipo de estudante universitário ou para-universitário.

Este tipo novo, inesperado e que, naquele meu mencionado livro, procu-
ro destacar como uma das expressões mais interessantes da revolução bio-so-
cial do nosso tempo em consequência do aumento de média de vida: o dos
indivíduos de idade superior a sessenta ou sessenta e cinco e até setenta anos
a quem a crescente automação, e o crescente lazer, na nossa época favorecido

pela crescente segurança social, além do crescente aumento de média de vida, induzem, em sociedades de economia, de organização social e de sistema cultural mais desenvolvidos. Também nova espécie de aculturação: sua atualização efetiva na cultura e sua participação ativa no controle político da sociedade a que pertencem. Isto principia a verificar-se com conseqüências consideráveis sobre suas relações com a mesma sociedade, quer no plano intelectual, em geral, quer no especificamente político-eleitoral, em particular. São várias as universidades americanas e européias nas quais se está tornando considerável a presença de estudantes do tipo *sênior*.

Há mobilidade social, nesse caso, não de uma classe a outra, mas de uma posição ou de um *status* — sócio-cultural e psico-social — a outro e este até pouco associado a um começo de inércia tido como inevitavelmente biológico, tornado um *status* senão semelhante ao de indivíduo na primeira mocidade, e, portanto, em período intenso de aculturação, rival desse *status* e capaz de ultrapassá-lo no que se refere ao ânimo renovador do indivíduo idoso reeducado, com relação às tendências estabilizantes dos grupos de indivíduos na segunda mocidade ou na idade madura: espécie de burguesia no tempo bio-social. O papel — no sentido sociológico de role — de estudante universitário sempre atual, renovado, moderno, já não é monopólio do jovem. É também desempenhado pelo idoso: toda uma revolução. A Universidade já não é monopólio de juventude ávida de saber: está crescentemente aberta ao idoso, também ele ávido de renovar o seu saber, de atualizar seus conhecimentos, de refrescar sua inteligência. O idoso deixou de ser, pela melhor defesa nos nossos dias, de sua saúde e pelas maiores facilidades para a atualização do seu saber completado por sua expressão, quer social, quer cultural, um indivíduo parado esterilmente no tempo.

Parece fora de dúvida que a tendência dos indivíduos que compõem, em sociedades modernas, os grupos de idade econômica e politicamente dominantes que, pelo número, são aqueles entre os trinta e os sessenta ou os sessenta e cinco anos, — também aqui atualizo considerações que primeiro apareceram no livro *Além do Apenas Moderno*, agora publicação também em língua espanhola, numa edição da Espasa-Calpe, de Madri e com prefácio do sábio Professor Julian Marias — é para a conformidade, de uns, com a ordem social e a ideologia ainda em vigor, de outros, com a ordem social e a ideologia, pelos mais jovens ou pelos mais mercuriais, desse grupo de idades considerados em vias de se tornarem triunfantes sobre outros, já em declínio. A essa conformidade é que dão mostras de que se opõem, de modo, além de desinteressadamente sincero, independentemente crítico, os grupos de idade nas fronteiras bio-sociais daquela como que burguesia no tempo. Esses independentes os adolescentes e os jovens em estado mais prolongado de

adolescência que chegam por vezes aos trinta anos com esse ânimo; e os indivíduos de idade superior aos sessenta e aos sessenta e cinco ou setenta anos, quando, constituindo-se, como estão se constituindo em várias sociedades modernas, num novo tipo de estudante, de pensador, de intelectual, de eleitor mais descomprometido com interesses estabelecidos que seus predecessores imediatos no tempo bio-social, insistem em conservar-se não só vibrantemente em dia com os avanços culturais no espaço-tempo a que pertencem como em aplicar, pela atividade política, cívica, intelectual, artística, seu saber atualizado e sua inteligência aguçada pela experiência, à consideração e à solução dos problemas de comunidade e do tempo social a que pertencem. Com o que alguns desses já muito velhos — o caso do próprio Chaplin — têm provocado iras de uns poucos jovens e até de alguns apenas um tanto menos idosos do que eles, inconformados com a para eles, excessiva sobrevivência desses velhos como que a lhes fazer sombra com o prolongado verdor de suas inteligências ou de seus saberes.

George Bernard Shaw, genialmente lúcido — que, no começo da nossa época, viveu até idade avançada, sempre tomando seus banhos de mar e praticando a sua amada natação — foi vítima ilustre de agressões de jovens de certo tipo de juventude, do mesmo modo que, nos seus últimos anos, e depois do seu repúdio às violências da Rússia Soviética contra artistas e contra intelectuais seria também André Gide; e, da parte da mocidade hitlerista, Thomas Mann, após sua repulsa de homem já de mais de sessenta anos, ao nazismo.

Diz-se desse nunca avelhantado ou sequer envelhecido George Bernard Shaw que, tendo aparecido dele, certa vez, uma fotografia, de grosseira distorção do seu físico meio-nu, em praia da Ilha da Madeira, na qual o fotógrafo deliberadamente deformador apresentou-o ao público britânico com duas pernas exageradamente finas que eram dois grotescos gravetos comentou: "Parece que são só as pernas que esse jornal consegue diminuir em mim".

Isso de perversão e de deformação de pessoas ou de personalidades — do seu próprio físico — através de jornais e de fotografias em jornais e revistas, sabe-se que é prática muito da nossa época de imprensa, por excelência, fotográfica; e com a fotografia tão a serviço de paixões e, o que é pior, de interesses de ideólogos contra os indivíduos que considerem seus adversários ou obstáculos aos seus planos; ou de arianos contra semitas; ou de jovens contra velhos; ou de ateus contra crentes. Essa larga utilização, para fins os mais diversos, da imagem fotográfica, vem dispensando, nos jornais e nas revistas, a caricatura de personagens políticos, literários, religiosos, militares,

artísticos. Somos uma época de grande decadência dessa espécie de caricatura: uma expressão viril, corajosa, desassombrada de crítica social enquanto a distorção fotográfica é, como a noticiosa, um recurso desonesto de que se valem principalmente, contra pessoas ou personalidades para eles incômodas, críticos menos honestos nos seus processos de crítica a tais contemporâneos. E a explicação é, em grande parte, esta: a fotografia deformadora está fazendo, em numerosos casos, as vezes da antiga e por vezes maliciosa e inteligentemente artística caricatura: inclusive as fotografias de velhos que os chamados "jovens zangados" vêm considerando merecedores de suas mais particulares atenções para procurarem tornar esses velhos, perante o público, imagens ridículas, grotescas, senis Matusaléns, ao ponto de gagás. Indivíduos que, afinal, incomodam a tais despeitados e aguçam neles sua zanga, por vezes, histórica, de "angry young men", menos pelo que neles, idosos, é expressão de velhice do que pelo que é manifestação de criatividade. E ao estéril é o que mais irrita nos não-estéreis: sua criatividade. Principalmente quando se prolonga na velhice dos indivíduos desde convencionalmente jovens, criadores.

Em vez de esteios absolutos da ordem sócio-econômica estabelecida, ao que vários indivíduos de idade avançada tendem, atualmente, a ser, até liderando jovens — o caso do filósofo ativista Marcuse — é críticos e renovadores, por vezes construtivos, dessa ordem, tendo às vezes, em não poucos casos, por aliados os jovens ainda não seduzidos pela tendência — tendência de vários deles, após os vinte e cinco anos e, por vezes, antes dessa idade — a deixarem de ser independentes e espontâneos para cuidarem de sua estabilização sócio-econômica e política, pela adesão passiva e, por vezes, calculada, a valores que lhes pareçam ainda dominantes ou em vias de se tornarem dominantes. Sendo assim, nos modernos equivalentes sociológicos de avós e nos modernos equivalentes sociológicos de netos e em alianças entre eles — outra tese do livro *Além do Apenas Moderno* — nós teríamos, nas sociedades modernas do tipo geralmente considerado mais desenvolvido, expressões de espontaneidade, de autenticidade, de independência, de revolta, de crítica, da parte dos muito jovens e dos muito idosos que estariam concorrendo para corrigir excessos de conformidade e de adesão a ordens sociais estabilizadas, ou tidas por inevitavelmente triunfantes, em futuro próximo: futuro que seria assegurado por grupos de idade socialmente dominante.

Temos este provável sistema de divisão e, por vezes, de equilíbrio de forças no tempo social: os muito jovens, isto é, de pouco menos e de um tanto mais de vinte anos, adolescentes muito deles e com tendências a se harmonizarem, românticos e independentes como são, com o extremo oposto, os de mais de sessenta e cinco ou setenta anos: animados, vários deles,

dos mesmos ou de pendores semelhantes a esses. Os dois grupos em atitude coincidente, diversa da dos ainda jovens mas já de olhos fixos na sua estabilização profissional, econômica, política e civil, para tanto dispostos, vários deles, a transigências com os já estáveis indivíduos de meia idade, de 35 a 55 e mesmo a 60 ou 65 anos, que formam uma espécie de classe média ou de burguesia no tempo social: burguesia estável e estabilizadora detentora de cargos decisivos, oficiais, nas indústrias, nas profissões liberais, no clero, nos comandos militares, nas lideranças partidárias e sindicais, acadêmicos. Os de além de 65 anos seriam descomprometidos, na sua maioria, com os interesses assim estáveis e assim estabilizadores, e se encontrariam em disponibilidade para atitudes independentes e, paradoxalmente, para iniciativas renovadoras e até revolucionárias — o caso dos Bertrand Russel, dos João XXIII, dos Pablo Picasso. Atitudes e iniciativas atraentes para os muito jovens, e, por conseguinte, ainda despreocupados de interesses estabilizadores. Ou de se instalarem em empregos, cargos, lideranças, com a aliança dos burgueses no tempo, que são os estáveis de meia-idade. Daí a aliança dos muito jovens com os do grupo de além de 60 ou 65 anos estar ocorrendo com crescente vigor, representando uma aliança de equivalentes de netos com equivalentes de avós, contra os equivalentes de pais-filhos. Inclusive está se verificando seu encontro cada dia mais nas Universidades, uns como aprendizes, outros como já iniciados em estudos mais em busca da atualização dos seus saberes, permitida pelo seu crescente tempo desocupado. Encontros, por conseguinte, como estudantes. As universidades — acentue-se — já não são exclusivos redutos dos muito jovens: também de idosos ou de velhos a se atualizarem intelectualmente, culturalmente, socialmente. Esta uma das grandes revoluções da nossa época. E essa revolução tão valorizadora socialmente do idoso como sócio-biologicamente a geriatria e a gerontologia.

O conceito de indivíduo de idade avançada como estudante — o estudado na fase inicial desse processo, agora tão mais necessário, pelo Professor Robert J. Havighurst — pode-se dizer que corresponde cada vez mais a uma situação bio-social revolucionariamente nova. Situação ativa e não passiva que destaco como significativa no livro *Além do Apenas Moderno*. A situação dos grupos de idade, constituídos por indivíduos de idade superior a 65, ou a 70, que estão se tornando — acentue-se mais uma vez este fato revolucionário — estudantes de universidades e de institutos de cultura, em geral, e de arte, em particular, em número cada dia maior; e, como estudantes, constituindo-se em um novo tipo de universitários e para-universitários de crescente atuação na vida, na cultura e na própria política das suas comunidades. Pois sua atuação inclui a de eleitores em países do tipo democrático.

Nesses idosos, o seu tempo livre permite-lhes atividades políticas e

cívicas, além das culturais, em setores que não podem ser, atualmente, atividades de indivíduos de tempo mais ocupado do que eles, como são os de meia idade e os de jovens de 25 a 40 anos. A porcentagem quase atual dos grupos de mais de 65 anos, segundo *The Aging Population and Its Economic and Social Implications*, United Nations (N.Y. 1956), era até há pouco a seguinte:

França	13.8
Itália	8.8
Países Baixos	8.0
Suécia	10.9
Reino Unido	12.3
Brasil	2.7
Índia	3.8
Estados Unidos	8.5

O que indica considerável aumento de sua presença no mundo desenvolvido, podendo concluir-se que a presença avassaladora de jovens numa população nacional é sinal de subdesenvolvimento. Vários deles — indivíduos de idade superior a 65 anos — estão agindo dentro ou à margem de sindicatos e dentro de partidos políticos e de associações cívicas de vários tipos, com uma independência de idéias e de atitudes que fazem deles, em vários casos, um elemento mais de vanguarda do que de moderação nesses setores; e os põem, por um lado, em conflito com elementos jovens e, sobretudo, de meia-idade, comprometidos com interesses estabelecidos ou com ideologias fechadas e, por outro lado, em harmonia com elementos extremamente jovens, ainda sem tais compromissos.

Se é exato o que aqui se sugere, numa sociedade moderna, na qual ciências aplicadas continuem a elevar a média de vida e a assegurar a saúde dos proventos ou dos idosos, — inclusive através de alimentação menos farta porém mais higiênica — o sábio, o sensato, o inteligente seria essa sociedade aproveitar ao máximo tanto sua gente mais jovem como a inteligência acrescida de experiência dos proventos ou dos idosos. Nunca fazer dos seus velhos uma presença apenas tolerada pelo que seria uma espécie de caridade estendida, em alguns casos, a indivíduos mais dignos de ser cortejados do que apenas tolerados ou somente amparados como inválidos. Pois são válidos e, não poucos, criativos.

A crescente presença de indivíduos crescentemente idosos numa sociedade e numa cultura cria para essa sociedade e para essa cultura novas re-

lações entre as categorias *júnior*, *média* e *sênior* que as constituem. São todas categorias a ser integradas num desenvolvimento global de sociedades. E também no processo de aperfeiçoamento também global de culturas modernas, sem a elevação a lideranças de uma dever significar a exclusão das outras.

As universidades modernas — destaque-se mais uma vez em conclusão fato já tão recordado — já não pertencem só às gerações novas ou jovens. Começam a pertencer de modo cada vez mais significativo em países mais desenvolvidos, também aos idosos, aos provecos, aos velhos, para a renovação e a atualização dos seus saberes, não só em benefício particular deles, provecos ou velhos ou idosos, e do que neles continuem a ser impulsos criativos, como no interesse geral da comunidade. Pois para tais idosos ou velhos ou provecos o aumento de média de vida sadia, acompanhado do aumento do lazer, à base de sua mais longa vivência, largo tempo livre para estudos, para pesquisas, para meditações, de quase certo valor para suas comunidades. Para suas culturas nacionais, em particular, e para a cultura humana, em geral.

O Governo Ernesto Geisel, quer por deliberações corajosas e pioneiramente diretas do próprio Presidente, quer através de um dos seus melhores colaboradores como Ministro de Estado, o de Previdência Social, Professor Nascimento e Silva, vem se voltando com inteligência para o problema, na sociedade brasileira, dos idosos. Está se verificando no Brasil de hoje — saliente-se em conclusão — uma revolucionária valorização de um idoso até há pouco, entre nós, desvalorizado. Está se verificando um ajustamento dessa valorização a duas outras expressões de revolução bio-social na nossa época: o aumento de média de vida e o aumento de tempo livre para um lazer que pode ser e tende a ser crescentemente criativo. Para o lazer, inclusive, dos idosos aposentados: lazer que pode ser produtivo e criativo no interesse da comunidade nacional. Comunidade, na qual começa a fazer-se notar a presença de idosos como corretivo ao mito de significar progresso ou vantagem, para a mesma comunidade, o fato de nela avultar apenas a presença de jovens. Presença que, quando avassaladora, quer dizer antes subdesenvolvimento do que desenvolvimento.

Quando, já há anos, começou-se a fazer demagogia em torno do fato estatístico, de na população brasileira predominarem de tal modo os jovens e que podíamos nos gabar de ser "uma nação jovem", adverti os otimistas a esse respeito: essa predominância é sinal de subdesenvolvimento. Pois as evidências são no sentido de que, com o aumento de média de vida que a ciência aplicada vem conseguindo, o país de crescente população apenas jovem é um país deficiente no desenvolvimento do bem-estar geral de sua gente

como um todo: sem aumento de sua população idosa através de condições médicas, higiênicas, sanitárias, econômicas psicossociais, culturais, favoráveis a esse aumento bio-social.

Pois o aumento de população idosa numa nação moderna significa que à mesma nação não faltam condições de salubridade, de higiene, de assistência em previdência social, de renda "per capita", de extensão do critério de ensino universitário. Condições que resultem em aumento de média de vida. Por conseguinte, em aumento do seu número de idosos. Idosos válidos. Inclusive idosos criativos.

É curioso como certos manipuladores de estatísticas conseguem criar mitos que são puras deformações de realidades. O de que é sinal de progresso o puro aumento, num país, de população dada como idealmente jovem, é um desses mitos. Presta-se a uma demagogia eufórica de todo cretina. Ufanar-se um país moderno, de, na sua população, a presença jovem ser avassaladora, com os idosos pouco avançando na sua média de vida, é ufanar-se de uma inferioridade e não de uma superioridade.

Serei, por esses conceitos, "contra o culto da Juventude" de que me acusou, levianamente, um manchetista do aliás respeitável *O Estado de São Paulo*? De modo algum. Sou, sim, dos que entendem andar certo o atual governo brasileiro, pelo seu Presidente e pelo seu Ministro da Previdência Social, ao cuidar, como está cuidando, com a melhor das atenções e a mais idônea das orientações, de assunto tão importante para o Brasil. O Brasil deve proteger a saúde, o bem-estar, o prolongamento de vida dos seus idosos, como de um valor nacional vivo; e não como um objeto de sua caridade ou de sua piedade.

Pois são crescentes as evidências de que o idoso, pelo que nele é inteligência aguçada pelo tempo e saber engrandecido pela experiência, além de saúde válida graças em grande parte à geriatria, pode contribuir, em idade já provectora, para o bem-estar de sua nação ou de sua época. Volto a lembrar os grandes exemplos, ainda recentes e já clássicos, do que Churchill já idoso fez pela Grã-Bretanha, do que De Gaulle, já nada jovem, fez pela França e pela Europa, do que Adenauer fez pela Alemanha, do que Tito fez e vem fazendo pela Iugoslávia. Volto a recordar o que foi a criatividade artística, já depois dos oitenta anos, de um Charles Chaplin, de um Stravinski, de um Picasso, de um Stokovski. Entre nós, insistirei em acentuar exemplos como até há pouco o de um Raul Fernandes e o de um Gilberto Amado e como atualmente o de um Eugênio Gudín, o de um José Américo de Almeida, o de um Tristão de Ataíde, o de um Pontes de Miranda, o de um Pacheco Silva.

Médicos e cientistas sociais preocupados com a matéria, só podemos nos regozijar com a atenção que está sendo dispensada a problemas de assistência social — inclusive aos idosos — pelo atual e esclarecido governo brasileiro. Assistência que não é de modo algum caridade: ela até se exerce em função da chamada Justiça Social. Pois o desprezo pelo idoso seria uma forma de injustiça social e de insensibilidade nacional a um dos seus valores.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — DUBLIN, Louis. *Length of Life*. New York, 1949.
- 2 — FREYRE, Gilberto: *Além do apenas moderno; sugestões em torno de possíveis futuros do homem em geral, e do homem brasileiro em particular*. Rio de Janeiro, J. Olimpio, 1973. 266p.
- 3 — HAVIGHURST, Robert & NEUGARTEN, L. *Society and Education*. 3 ed. Boston, Allyn and Bacon, 1968. 538p. il. Inclui bibliografia.
- 4 — NAÇÕES UNIDAS. *The Aging Population and its Economic and Social Implications*. New York, 1956.